

RESUMOS | ABSTRACT

12 Outubro 2022 – Manhã | *Morning*

10:30-11:15 | Auditório | **CONFERÊNCIA DE ABERTURA | OPENING CONFERENCE**

MODERADOR | CHAIR: Fernando Gomes

HELENA BUESCU | Universidade de Lisboa | CECComp |
Catastrophe, Resilience, and the 1755 Lisbon Earthquake

I am going to speak from a perspective, human rather than technical, of a catastrophe and the resilience accounts it has given rise to. Not a prolonged disaster such as the pandemics, but a sudden one, an earthquake, in particular the 1755 Lisbon earthquake. At the end, I hope you will find that this other perspective is a necessary complement to other talks. The core of what will be discussed in this conference, of course, all the health issues, but also architecture, geopolitical and generally social problems would not be what they are if they were not about humans. So this is mainly about people, and that will be my main perspective here.

12 Outubro 2022 - Tarde | *Afternoon*

14:30-15:15 | Auditório | **SESSÃO PLENÁRIA | PLENARY SESSION**

MODERADOR | CHAIR : Antonio Sáez Delgado

ALBERTO MANGUEL | ***O Espelho de Medusa***

In La Fontaine's fable the plague is the means by which the ills of society are revealed. The plague is context and content, a catastrophe that brings society together and also obliges each individual to be alone. It elicits egotism and empathy, and forces society to face its own identity.

13 Outubro 2022 – Manhã | *Morning*

9:30-10:15 | Auditório | **SESSÃO PLENÁRIA | PLENARY SESSION**
MODERADORA | CHAIR: Celina Martins

ASCENSION RIVAS HERNANDEZ | Universidad de Salamanca |
Epidemia y testimonio: un país en estado de alarma

Sobre la pandemia de coronavirus se han publicado numerosos libros desde el año 2020. Uno de ellos es *Diario de la alarma*, donde el español Lorenzo Silva analiza, en clave personal, la difícil situación del confinamiento en mi país. La obra está compuesta por las entradas que Silva hizo diariamente en su blog durante el encierro. En la conferencia se analiza el género inicial de este texto, de valor eminentemente testimonial, y su importancia para transmitir la información, que consiste esencialmente en un análisis diario de la situación tal como se vivió en España con sus peculiares características políticas y sociales.

13 de Outubro de 2022 - Tarde | *Afternoon*

14:30-15:15 | Auditório | **SESSÃO PLENÁRIA | PLENARY SESSION**
MODERADORA | CHAIR : Ana Raquel Fernandes

GALIN TIHANOV | Queen Mary University of London |
Of Journeys, Masks, and Wars: World Literature in Times of Crisis

My paper consists of two parts. I begin with some reflections on how the Covid pandemic actualises certain core motifs and images of world literature (and art), notably the motif of the journey and its impossibility, and the visual and cultural significance of masks. My analysis revolves around a short surrealist novel written in French and the art of a twentieth-century Armenian painter. After a brief mediating interlude on Thomas Mann, I then proceed to the second part, in which I discuss some of the ways in which literature responds to war by defending human dignity and promoting pacifist values, and by reflecting on the experience of refugees and exiles. My main examples here are Broch, Arendt, and Agamben.

14 de Outubro de 2022 – Manhã | *Morning*

14:30-15:30 Auditório Christopher Bochmann | Colégio Mateus d'Aranda |
CONFERÊNCIA-CONCERTO | CONFERENCE-CONCERT
MODERADORA | CHAIR : Elisa Esteves

ANA TELLES BÉREAU | Universidade de Évora | CESEM

Música em tempos de pandemia: representações de crises sanitárias na tradição erudita europeia

Desde a Idade Média até aos dias de hoje, epidemias e outras doenças infecto-contagiosas de alta prevalência na população tiveram um inegável e fortíssimo impacto na sociedade. A ocorrência e o desenvolvimento de doenças como a peste negra, a malária, a gripe, a varíola, a sífilis, o tifo, a cólera, a sida e a covid19 determinaram, ao longo dos tempos, algumas das principais transformações sociais e culturais da História.

Nesta conferência-concerto, através do prisma da Música erudita ocidental, procurar-se-á evidenciar algumas dessas transformações. Será dado enfoque à representação musical desses tempos de crise sanitária, incluindo registos de problemáticas e sintomas relacionados com doenças diversas em obras musicais específicas, algumas das quais serão interpretadas ao piano. Procurar-se-á ainda evidenciar o impacto que epidemias e outras doenças infecto-contagiosas tiveram sobre instituições e dinâmicas culturais diversas, bem como as marcas que imprimiram na vida e obra de compositores de géneros, geografias e períodos históricos distintos.

SESSÕES PARALELAS | PARALLEL SESSIONS:

12 Outubro 2022 – Manhã | Morning

Auditório (11:30-12:45)

Moderadora: Cláudia Teixeira

Eixo temático: **Epidemia e resiliência**

Ellen Maria Martins de Vasconcellos (U. de São Paulo)

As formas individuais e coletivas de sobrevivência diante de uma catástrofe

Este trabalho pretende apresentar a análise da obra literária “Los días de la peste”, do escritor boliviano Edmundo Paz Soldán, na qual as múltiplas personagens narram, desde os primeiros dias, o contágio e o agravamento de uma doença mortal que afeta toda a população carcerária (prisioneiros, agentes de segurança, médicos, etc.) de “La Casona”. A partir de inúmeras soluções individuais e coletivas, as personagens tentam, a seu modo e com os recursos possíveis, sobreviver. Assim, em diálogo vida e literatura, traça-se uma possibilidade de reconhecer outros modos de lidar com as doenças, a vida e o fim iminente.

Palavras-chave: Literatura, catástrofe, sobrevivência, peste

Flávio García (U. do Estado do Rio de Janeiro)

A incapacidade de Bernardo e Odilo lidarem com as condições restritivas da pandemia da covid-19

Bernardo, de “A imoral quarentena”, do escritor moçambicano Mia Couto (2020; 2021), e Odilo, de “Odilo (MSS do séc. XXI)”, do escritor português José Viale Moutinho (2021), são personagens em cuja figuração intervêm “um conjunto de processos discursivos e metaficcionalizantes que individualizam [essas figuras] em universos diegéticos específicos” (Reis, 2018, p. 165), cujos referentes acessados pelos autores no mundo objetivo para a composição de suas imagens em seus mundos de ficção remetem às restrições impostas pelo cenário vivenciado na realidade da pandemia da Covid-19. Essas duas figuras ficcionais não demonstram capacidades para enfrentar as restrições impostas

pelo momento, com Bernardo chegando ao limite do desequilíbrio emocional, e Odilo chegando a ultrapassá-lo. Os sentimentos que ambas expressam e as relações que têm com outras personagens, implicando ações que executam, são procedimentos discurso-textuais determinantes para a sua figuração. Assim, a proposta desta comunicação é comparar os processos de composição – figuração – a que Couto e Moutinho recorreram na figuração de suas personagens, as quais não se apresentam capazes de enfrentar os desafios que a vida lhe impõe no mundo objetivo da covid-19, estabelecendo diálogos entre as imagens compostas nos mundos de ficção e os referentes acessados no mundo objetivo.

Palavras-chave: Mundo objetivo; Mundos de ficção; Figuração de personagens; Mia Couto; José Viale Moutinho.

Rogério Lima (U. Brasília)

O fogo de Cocteau: refletir sobre tempos interessantes e o Novo Coronavírus ao som das Bachianas brasileiras no.4

A artista Laurie Anderson descreveu na canção *Transitory Life* o tempo que é necessário para nos darmos conta das armadilhas que nos aprisionam, na mesma canção ela nos lembra que a vida é transitória e que estamos apenas navegando por essa vida transitória.

No ano de 2019 o curador Ralph Rugoff adotou para a Bienal de Veneza o lema: *May you live in interesting times* [Que você viva em tempos interessantes], um ditado popularmente conhecido como a maldição chinesa. No ano de 2020, parece que alguém desejou para o mundo que vivamos todos tempos interessantes. Os desafios contemporâneos são imensos e os tempos interessantes parecem ter adquirido a importância que o fogo teve para o poeta Jean Cocteau. À pergunta: "se sua casa pegasse fogo, o que você salvaria?" Cocteau respondeu: "O fogo!". Em meio à crise do Coronavírus, os tempos interessantes moldam e transformam a realidade que, inicialmente, se desenhou desalentadora e acomodada.

Esta comunicação propõe uma mirada sobre fatos e acontecimentos do tempo presente de forma positiva, dotada de esperança, paciência e da certeza que, em tempos interessantes, os nossos gestos e ações irão transformar o nosso presente embalados na sonoridade das *Bachianas brasileiras*, de Heitor Villa-Lobos.

Palavras-chave: Coronavírus; tempos interessantes; Jean Cocteau; Heitor Villa-Lobos; Laurie Anderson

Auditório [sala anexa 008] (11:30-13:05)

Moderadora: Ana Luísa Vilela

Eixo temático: **Epidemia e resiliência**

Fernando Gomes (U. Évora | CEL)

L'homme face au fléau - Actualité de La Peste d'Albert Camus

La multiplication des ventes de *La Peste* d'Albert Camus en temps de confinement et de crise sanitaire due à la pandémie du Covid-19 est symptomatique de l'inquiétude humaine face à une épidémie qui a ébranlé nos certitudes et confiance en ce siècle hautement scientifique, mettant à nu, par la même occasion, nos faiblesses et impuissance. Cette crise humanitaire du XXI^e siècle nous invite, en effet, à chercher dans la littérature des témoignages qui pourraient soulager nos angoisses. Même si la peste évoquée par Camus n'a jamais existé, s'il n'y a pas eu d'épidémie à Oran, son ouvrage n'en reste pas moins d'une poignante actualité, sans doute due à la volonté explicite de son narrateur de faire « œuvre d'historien » (*La Peste*, Gallimard, La Pléiade, p.37).

Dans cette communication, nous mettrons en évidence l'actualité d'une narration, non de la description de l'épidémie en soit, mais de l'attitude des personnages face au fléau, nommément du narrateur, le docteur Bernard Rieux.

Palavras-chave: Camus ; *La Peste* ; Actualité ; *Homme face au fléau*

Maria Sofia Pimentel Biscaia (U. Aveiro | CLLC)

"To the monsters, we are the monsters": post-pandemic resilience in Emily St. John Mandel's Station Eleven (2014) and Sea of Tranquility (2022)

Emily St. John Mandel has emerged from a distinctively Canadian strain of female-authored speculative fiction by women that is deeply concerned with reflecting on and processing the most disturbing events of our time. In both *Station Eleven* (2014, winner of the Arthur C. Clarke award) and *Sea of Tranquility* (2022) she fictionally contemplates the long-term effects of a

deadly pandemic. The first novel preceded Covid-19 whereas the second was written when the world was going through very trying times. How is the 2022 novel informed by this historic experience? In the first instance, the author suggests that theatre and music can show the way out of the horrifying trauma of mass extinction: the non-linear storyline follows the nomadic journey of the Traveling Symphony, a troupe performing only Shakespearean plays. In a post-apocalyptic world, survivors find solace in classical music and in Shakespeare. In *Sea of Tranquility* however, Mandel has humanity escaping catastrophe by sending it to space, thus realising a new colonising endeavour. Here too chronology is defied as the past and the present are not necessarily discernible and characters, in a more markedly sci-fi manner, are able to transcend time itself.

In this presentation firstly I want to address selected common themes of these two novels, namely those of nomadic/fluid post-pandemic identities, resilience and resistance (Butler, Bracke, Braidotti) before the persistence of toxic patriarchal violence and the reconfiguration of the human. Secondly, I also want to briefly discuss the relevance of the new themes of *Sea of Tranquility*: imperialism and climate changes.

Thirdly, I propose to discuss the interarts approach which Mandel favours by bringing to the fore of her stories literature itself (drama, comic books, novels) and music. To this end I will also be referring to HBO's 2021 adaptation of *Station Eleven*.

Keywords: resilience; post-apocalyptic representations; queer politics; pandemics and the arts;

Daniele Lessa Soares (U. Brasília)

Brás Cubas e a pergunta insensata: qual o sentimento de quem sobrevive?

Essa comunicação pretende, a partir da reflexão sobre um episódio do livro *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, estabelecer um diálogo entre insensatezes: epidemia, morte, e os sentimentos de quem fica. O referido episódio dá-se quando o narrador/protagonista do romance, ainda analisando seus sentimentos sobre a perda de Eulália, aquela que deveria ter sido sua mulher, durante uma epidemia de febre amarela, é interpelado por seu amigo Quincas Borba, que lhe endereça a seguinte questão: acaso “não sentia algum secreto encanto em ter escapado às garras da peste”?

Tida por insensata, e tendo permanecido sem resposta durante o resto da narrativa machadiana, a pergunta se atualiza em 2022 e torna-se inevitável: qual o sentimento de nós que restamos, que nos refugiamos nos livros para “escapar à vida”, como definiu Brás Cubas, mas também nos recolhemos para sobreviver à morte ao redor, à morte da alma, em suave resiliência cotidiana e uso contínuo (para os que podem) do escudo da arte? Levanta-se e discute-se, portanto, a hipótese de que a Literatura, ao mesmo tempo que é via de escape para o horror da perda, é a mesma que obriga a confrontar a provocação: “como te sentes?”

Palavras-chave: Machado de Assis; Memórias Póstumas de Brás Cubas; epidemia, morte, sobrevivência.

Patricia Trindade Nakagome (U. Brasília)

Sorriso na literatura e na vida: resiliência na pós-pandemia

A pandemia de covid-19 impôs o uso de máscaras, que protegem do invisível, mas também invisibilizam parte de nosso rosto.

Quando sumiram os sorrisos, ficou evidente o quanto eles eram fundamentais à comunicação. No meu caso, busquei o sorriso na literatura e notei sua presença mesmo em livros atravessados pela tristeza, modelando a voz e concretizando uma abertura à vida.

Nesta comunicação, o sorriso é rastreado em *A resistência*, do premiado autor brasileiro Julián Fuks, que retrata a experiência de uma família exilada. Desde o título, o livro evidencia o caráter de resistência da literatura, na sua oposição à opressão e ao silenciamento. Reforçando a resistência da literatura, o sorriso na obra surge como manifestação de resiliência, como gesto fugidivo e maleável, que, apesar da aparente fragilidade, se contrapõe às lágrimas e ao silêncio.

Da análise do livro, surgem questões sobre o que podemos mudar na pós-pandemia, inclusive em nossas práticas acadêmicas. Assim, propomos algumas indagações: Com nossos rostos livres de máscara, podemos/devemos sorrir mais ao falar de literatura? A resistência da literatura admite (ou pede) a resiliência de nosso sorriso? Após o isolamento, podemos almejar uma aproximação menos dura para enfrentarmos juntos o desconhecido?

Palavras-chave: Sorriso; Resiliência; Meio acadêmico; Julián Fuks; Pós-pandemia.

Auditório [sala anexa 007] (11:30-12:45)

Moderadora: Odete Jubilado

Eixo temático: **Epidemia como alegoria da sociedade**

Celina Martins (U. Madeira | CECComp)

La Peste de Albert Camus e Ensaio sobre a cegueira de José Saramago: epidemia, alegoria e aprendizagem

La Peste de Albert Camus e Ensaio sobre a cegueira de José Saramago: epidemia, alegoria e aprendizagem A nossa análise incidirá na representação da peste em *La Peste* (1947), de Camus e a configuração da cegueira em Saramago, em *Ensaio sobre a cegueira* (1995), a partir do sentimento do absurdo, proposta filosófica de Camus em *Le Mythe de Sisyphe* (1942). A epidemia é a encarnação do absurdo, visto que o homem, em busca de clareza e de unidade, se confronta com um mundo irracional, privado de Deus. Recuperando a reabilitação da alegoria de Kafka, Camus e Saramago constroem alegorias plurissignificativas: em Camus, no plano figurado, a peste constitui a luta da resistência contra o nazismo na Segunda Guerra Mundial. Em Saramago, a cegueira remete para os excessos hiperindividualistas da sociedade pós-industrial no fim do século XX. Num plano metafísico, os romances transcendem a interpretação histórica ao atribuir às epidemias dimensões simbólicas como a decadência moral, ética, política e a metáfora do desconhecimento, da alienação e de todos os males. Em consonância com a pedagogia pela catástrofe, segundo Sloterdijk (2002), as parábolas de Camus e Saramago ensinam a ver e a consertar os erros do homem através de uma comunidade alternativa, baseada na revolta e na solidariedade, propondo repensar uma nova ética em momentos de maior degradação do humanismo, facultando leituras preventivas face à pandemia da Covid-19.

Palavras-chave: Camus; Saramago; epidemia, alegoria; aprendizagem.

Joana Pinto Salvador Costa (U. Lisboa FLUL | Centro de História)

Pandora e a Violência contra a Natureza. A criação da mulher como uma epidemia contínua para a Humanidade

A presente comunicação tem o objectivo de analisar a criação de Pandora e a sua influência negativa e epidémica no Mundo.

De que modo o género feminino surge como uma epidemia intemporal e se podemos considerar a sua criação, no pensamento grego antigo, como uma forma de violência contra a própria Natureza, são dois dos pontos principais a serem abordados. Propomos uma leitura do mito de Pandora, com a intervenção da interdisciplinaridade, mais particularmente com o recurso à psicologia, de modo a descortinar as consequências nefastas e traumáticas que ocorreram na Humanidade, graças à existência de Pandora, e que através da mitologia justificam o comportamento social na Grécia Antiga.

Palavras-chave: peste; literatura portuguesa; século XIX; romantismo; realismo.

Clara Ávila Ornellas (U. de São Paulo)

Espaço urbano e as necessidades de higienização social em crônicas de Lima Barreto e João Antônio

O início do século XX no Rio de Janeiro foi marcado por epidemias, como de varíola e de febre amarela.

Para combatê-las, estiveram entre as diligências, promovidas pela gestão pública, determinações de ordem higienista.

Em paralelo, ocorria na capital fluminense a reforma urbanística, a qual almejava, entre outros objetivos, adequar parte do centro da cidade à arquitetura de modernas capitais, a exemplo de Paris. Assim, houve a demolição de antigos prédios que abrigavam cortiços, e a maioria de seus moradores foi obrigada a deslocar-se para morros ou subúrbios. Nesta comunicação reflexiona-se como ações de ordem sanitária, muitas vezes, estão relacionadas ao ato de excluir parcelas representativas da população para espaços distantes e com infraestrutura precária. Verifica-se isto em textos de Lima Barreto (1881-1922), pertencentes à coletânea *Toda crônica* (2004), e de João Antônio (1937-1996), em *Malhação do judas carioca* (1975). Ambos os autores discutem condições insalubres e propensas a doenças a que são destinados os habitantes à margem social, além do quanto tal propósito advém de interesses hegemônicos restritos. Essas reflexões são tecidas tendo por base as considerações de Bruno Carvalho em *Cidade porosa: dois séculos de história cultural do Rio de Janeiro* (2019).

Palavras-chave: Higienismo; Rio de Janeiro; Reforma Urbanística; Lima Barreto; João Antônio.

12 Outubro 2022 - Tarde | Afternoon

Auditório (15:15-16:30)

Eixo temático: Epidemia e distopia

Moderadora: Ana Clara Birrento

Claudia J. Fischer (U. Lisboa | FLUL | CECComp)

Substituir crianças. Acerca de dois dramas familiares em crise epidémica: “Der Findling” de Heinrich von Kleist e “Supertoys Last All Summer Long” de Brian Aldiss

Os 158 anos que separam a publicação dos dois contos “Der Findling” [A criança encontrada], de Heinrich von Kleist, e “Supertoys Last All Summer Long” [Superbrinquedos duram o Verão todo], de Brian Aldiss, tornam expectável que a noção de epidemia a eles subjacente adquira sentidos e tratamentos diferentes.

Se, no conto de Kleist, publicado em 1811, a epidemia desencadeia uma série de catástrofes que conduzem à tragédia final de toda uma família, no conto de Aldiss, de 1969, a tragédia constitui um status quo diluído na representação de uma questionável humanidade, em que a epidemia, não expressamente designada como tal, consiste numa doença pandémica já instalada e irreversível. O desejo de suprir a dor da ausência causada pela doença leva os protagonistas destas duas narrativas ao acto de substituição do seu filho, ainda criança, por outra criança. Os efeitos – devastadores em ambos os casos – sugerem diferentes descrições do que actualmente podemos considerar uma epidemia, cuja gravidade, mais do que pelo seu grau de letalidade individual, pode ser medida pela sua presença subliminar, indefinida, transversal e persistente.

Palavras-chave: epidemia; família; humanidade; inteligência artificial; solidão

Ana Raquel Lourenço Fernandes (U. Europeia | CEAUL | ULICES)

"I'll deliver all": Fiction Surviving Catastrophe in "Later, His Ghost" by Sarah Hall

Since at least The Carhullan Army (2007), every so often Sarah Hall's fiction falls into the dystopian and post-apocalyptic genres.

“Later, His Ghost” from the collection *Madame Zero* (2017) is a striking example of a cli-fi dystopic short story set in a post-apocalyptic landscape. My aim is to discuss the way in which Hall’s short narrative takes us in a journey amidst chaos, isolation and confrontation with death. Hall’s short fiction questions the value of humanity attempting to reimagine alternative ways of life, envisaging the practice of an ethics of care, in which values such as empathy, compassion and the notion of affect become quintessential to life depicted through art and literature.

Indeed, literature and art become part of a survival strategy as the narrative unfolds. The short story establishes an intertextual dialogue with Shakespeare’s *The Tempest*. As in the play, “Later, His Ghost” also belongs to a literary fictional voyage, standing as an allegory to art and creation.

Keywords: dystopia; apocalyptic representation; short story; intertextuality; ethics of care

Gerd Hammer (U. Lisboa FLUL | CECComp)

O homem como virus - Sobre a relação entre Homem e Natureza no sec. XXI

"We became the Earth’s infection a long and uncertain time ago when we first used fire and tools purposefully" (James Lovelock)

O mundo está a caminho do fim, o Apocalipse avizinha-se. A questão é saber como irá acontecer. E, tal como os ecologistas, cientistas e jornalistas, também a Literatura do século XXI oferece possíveis perspetivas. A guerra atómica, as secas, a destruição ambiental, a sobre-população mundial, as revoltas, a fome e as pandemias alimentam as fantasias apocalípticas de muitos autores e também dos romances da "environmental-disaster literature". A predisposição amarga para o declínio, para a “Human Extinction” (John Leslie) sente-se em todo o lado.

Partindo das teorias do ecocriticismo, analisa-se o romance distópico sobre o fim do mundo “*The Swarm*” (2004) do autor e bestseller alemão Frank Schätzing. Comparativamente aos romances sobre pandemias mais antigos, torna-se evidente uma mudança essencial no que toca à representação da Natureza e da Humanidade. No seu romance, Schätzing mistura ficção e ciência até uma revolta da Natureza (o Oceano) contra o vírus Homem que ameaça destruir a Terra. O indivíduo deixa de ter um papel preponderante, as pessoas são o problema, a doença, e têm de mudar ou de ser destruídas para que a Natureza possa ser curada.

Palavras-chave: Humanidade; Natureza; Ecologia; Distopia; Vírus.

Auditório [sala anexa 007] (15:15-16:30)

Eixo temático: Epidemia e distopia

Moderador: Armando Martins

Leonor Martins Coelho (U. Madeira | CECComp)

Um mundo aflito. Memória de um tempo de ausência, de Jorge Letria – Distopia, visão crítica e superação

Publicado pela editora Guerra e Paz em 2020, o livro *Um mundo aflito. Memória de um tempo de ausência* de José Jorge Letria patenteia as consequências provocadas pelo vírus SARS-COV-2 na vida dos portugueses. As sessenta fotografias de Inácio Ludgero, o prefácio de Pedro Abrunhosa e o poema “A vida triunfa em casa”, também de Letria, estabelecem, desde logo, um pacto de leitura com os atuais tempos pandémicos. Nessa conexão com o mundo hodierno, é sobre ausência, dor e assombro, ditados pela Covid 19, que se desdobrará a interpretação do(s) autor(es).

O livro, que se apresenta como um testemunho deste período disfórico, não é porque conclui com uma nota utópica: “Melhores dias irão chegar, mas com outras regras, outros ritmos e modelos de gestão”. Ainda que *Um mundo aflito. Memória de um tempo de ausência* apresente uma leitura crítica sobre os tempos distópicos ditados pela pandemia global, a escrita, quer de Jorge Letria, quer de Pedro Abrunhosa, aponta, efetivamente, para possibilidades de superação. Pretendemos, pois, sublinhar de que forma a utopia é possível. Em todo o caso, as duas linguagens deste artefacto literário complementam-se, apresentando-se a escrita e a fotografia como um contributo relevante para memória futura.

Palavras-chave: Distopia, testemunho, crítica, superação, utopia

José Eduardo Reis (U.TAD | ILCML)

Representações utópico-literárias ***em defesa dos direitos dos animais***

Em *The New Ecological Order* (1995)¹, o filósofo contemporâneo francês Luc Ferry identifica três discretas tendências de reflexão e discussão teoricamente sustentadas em torno das relações dos seres vivos com o meio ambiente. Uma das referências teóricas doutrinárias a que recorre no desenvolvimento do seu argumento é a obra pioneira, no âmbito da ética não especista, do polímata inglês Henry Salt, *Animal Rights Considered in Relation to Social Progress* (1892). No quinto capítulo deste livro “Sport or amateur butchery”, Salt cita explicitamente uma passagem do Livro II da *Utopia* de Thomas More em que o narrador Rafael declara que naquela ordem política ideal a caça e outros

desportos sangrentos tinham sido erradicados, denunciando, por antítese, a continuidade da sua prática na coeva ordem social e política inglesas. Por sua vez, a datada obra de exegese literária *Zen in English Literature and Oriental Classics* (1941), do orientalista Reginald Horace Blyth, constitui um singular e idiossincrático modelo de hermenêutica comparatista e de reflexão ensaística a partir de *exempla* de domínios culturais discretos, tendo como suporte de leitura a experiência da plena consciência tal como esta é prosseguida pelos anais da tradição e prática espiritual do budismo zen. Tomando em consideração o tema geral deste congresso, a nossa comunicação procurará refletir, a partir desses três diferentes contributos e de outros exemplos, sobre a defesa dos direitos dos animais à luz de representações utópicas literárias.

Palavras-chave: Ecologia, Direitos Animais, Ética, Utopismo Literário, Plena Consciência

Luís Miguel Oliveira de Barros Cardoso (Instituto Politécnico de Portalegre | CEComp)

A distopia tecnológica como fenómeno pandémico: a cidade necrosada em Blade Runner

A negra escala da dimensão geográfica, a contaminação em círculos de propagação viral, a irreversibilidade dos novos tempos e a desolação pós-moderna são os quatro cavaleiros do apocalipse distópico que caracteriza a tecnologia como uma epidemia civilizacional. Entre a narrativa de Philip K. Dick e o legado úbere de Ridley Scott, *Blade Runner* continua a povoar os nossos sonhos com a inquietude das ovelhas elétricas, quando celebramos o quadragésimo aniversário do filme que continua a senda do nosso desassossego. Recentemente, André Lemos escreveu que a tecnologia é um vírus omnipresente e onnipotente que leva o homem, de forma inexorável, a olhar para si, sem laivo de remissão ou remédio, reconhecendo a sua essência tecnológica. Articulemos a visão de cibercultura com a história natural da distopia, de Gregory Claeys, e surgirá, na neblina com recorte de fim dos tempos, uma construção conceptual da tecnologia como um fenómeno distópico e pandémico. Entre a obsolescência do humano e a ascensão da nova ordem tecnológica, a humanidade encontra-se infetada pela sua própria criação, socialmente disruptiva e ontologicamente desafiadora. *Blade Runner* marca uma das primeiras reflexões sobre a tecnologia como uma epidemia com consequências devastadoras, capaz de fazer vacilar as nossas certezas,

erguendo barreiras e dúvidas éticas, sociais e antropológicas, revertendo a gênese-matriz, a cidade, em necrose (Adriana Amaral), outrora promessa de conquistas futuristas e agora terra de chuva e de lágrimas, simbolicamente redentoras.

Palavras-chave: Distopia; Tecnologia; Epidemia; Blade Runner

Auditório [sala anexa 008] (15:15-16:30)

Eixo temático: [Epidemia e declínio moral](#)

Moderador: Antonio Cândido Franco

Cláudia Pereira (U. Évora)

Peste e guerra desafiam o tempo da leitura literária: A Lágrima de Ulisses (Manuel Frias Martins, 2021) e O Barco das Crianças (Mário Vargas Llosa, 2014).

Como nos convence Umberto Eco em “Nos ombros dos gigantes” (2001), texto feito para uma conferência, e em “O dom da pós-monição” (2000), uma crónica do jornal italiano L’Espresso, a contemporaneidade convoca-nos muitas vezes para lamentarmos o que se perdeu, até num mundo ensimesmado na Academia como parece continuar a ser o da literatura e dos estudos literários (Frias Martins, 02/12/2021). Mas o caos e a crise convocam-nos para nos desinstalarmos do que temos como garantido e, com cinismo no entendimento inicial de procura e não moderno e, por isso, altivo e arrogante do conceito, retirar para o futuro lições que passam sobretudo por uma boa e profícua releitura do Passado. A nossa proposta é feita a partir do lugar de fala da literatura e cultura para a infância e juventude, o que pressupõe um destinatário que condiciona e molda o objeto estético criado (design literário). Propomos pôr em diálogo um ensaio, ou melhor um conjunto de ensaios dispersos mas reunidos de acordo com a exigência requerida a uma story spine, sobre “regimes da cultura literária” e uma novela literária para jovens leitores. Quer um, quer outra, serão abordados pelo que desenvolvem a propósito de uma forma de violência intergeracional, em que a necessidade parece sobrepor-se à tradição e se encara a possibilidade de, finalmente, entender que as dinâmicas sociais também chegaram à teoria da literatura e à literatura sobre teoria. Estas obras e este diálogo forçado, também pelo atual contexto comum do Mundo, serão colocados no centro da comunicação como exemplos da urgência da voz narrativa para a Humanidade.

Voz narrativa – ficcional ou ensaística - que, sob os revezes de uma linha de progresso cronológico esperada, mas sempre (re)valorizando o património do saber, confira ao estudo da literatura um lugar também central nas ciências sociais e humanas.

Palavras-chave: Literatura e cultura para a infância e juventude; Estudos literários e ciências sociais e humanas; Design literário; Polissistema literário; Teoria(s) da(s) literatura(s).

Tiago Filipe Clariano (U. Lisboa | FLUL)

O Ennui das Flores do Mal: Pandemia das ideias que ficaram por concretizar

Para além de uma monstruosidade que assola o leitor (“Au Lecteur”), que rói o seu coração e a sua vida (“L’Ennemi”) e de acabar por ser considerado uma prisão ou um deserto inescapável (“Le Voyage”), o Ennui—inimigo declarado pântano das flores do mal— é um vicioso fumador de houka (Pinto do Amaral), ou um mascador de pastilhas (Gabriela Llansol), o que lhe atribui a sintomatologia do declínio moral e ético de uma civilização.

Sistematizando e actualizando o estado de arte do Ennui baudelairiano à luz do tema das epidemias e das pandemias (como um bocejo é transmissível, como houka é viciante), pode atribuir-se um novo valor ao diagnóstico e tratamento do Ennui por Baudelaire, que pode iluminar sensações dos meses de lockdown, bem como a propagação (como tubo de escape) de discursos de ódio nas redes sociais, ao longo da pandemia do COVID-19. “C’est l’Ennui!”: o tédio que gera ódio! Felizmente, o tratamento é poético e prende-se com a descoberta de novas formas de ocupação da imaginação “Plonger au fond du gouffre, (...) Au fond de l’Inconnu pour trouver du nouveau!”.

Pretende contemplar-se o Ennui como forma de pandemia diagnosticada por Charles Baudelaire, cujo paliativo é poético: o tratamento do Ennui é consentâneo do seu diagnóstico. Para tal, vão referir-se o tratado sobre a melancolia de Robert Burton, as críticas a Baudelaire na Degeneração de Max Nordau, a História da Loucura de Michel Foucault e a Tinta da Melancolia de Jean Starobinsky.

Palavras-chave: Ennui, pandemia, poética, imaginação, paliativo

Diana Miyake (U. Lisboa FLUL | CECComp)

Morte em Veneza: a epidemia como causadora da decadência moral de um homem e de uma sociedade

Veneza está a desaparecer, tal como Aschenbach, o protagonista da novela de Thomas Mann, cuja identidade assenta na sua “determinação moral para além da mais profunda consciência do ser”, e que se vê chegar a uma fase de decadência física.

A epidemia de cólera, já em incubação quando Aschenbach chega ao hotel das termas do Lido, acelera a degradação da cidade que, por detrás da sua máscara de conto de fadas, se torna numa armadilha e precipita a queda da personagem central, que também esconde um segredo: a destrutiva paixão pelo jovem Tadzio.

Tanto Veneza como Aschenbach procuram, através das suas respectivas máscaras, de beleza e de dignidade, sobreviver ao caos provocado pelo surto. Quer no texto de Mann, quer na adaptação filmica de Visconti, a epidemia representa o papel de agente de mudança cuja consequência, para o protagonista, é a destruição de toda uma evolução gloriosa que, em poucas semanas, se torna em decadência moral e culmina com a sua morte.

Nesta intervenção, procura-se explorar os paralelos entre Aschenbach e Veneza que, por força de uma epidemia, caem em desgraça, apesar da tentativa de dissimular esse inevitável desfecho.

Palavras-chave: beleza, degradação, máscara, dignidade, caos.

13 Outubro 2022 – Manhã | Morning

Auditório (10:30-12:25)

Eixo temático: [O confinamento como motor de criatividade](#)

Painel: "Que tal uma beleza pura no fim da borrasca?": Arte, pensamento e invenção em tempos de pandemia

Segundo dados oficiais, até o momento, a Covid-19 levou à morte no Brasil quase 700.000 pessoas. O país possui menos de 3% da população mundial, mas concentra mais de 10% das mortes no mundo, situando-se entre os países com as mais altas taxas de falecimentos por 100.000 habitantes. A pandemia chegou ao Brasil num momento em que ele se vê presidido por um político de extrema direita que chegou ao poder em consequência de um golpe jurídico-parlamentar-midiático.

O vírus alastrou-se rapidamente e custou a ser enfrentado como se deve, em virtude da onda de negacionismo em relação à gravidade da doença por ele provocada, especialmente da parte do Governo Federal, e das desigualdades socioeconômicas que negam a grande parte da população o direito de se preservar da contaminação pelo corona. Não é casual, portanto, que os indicadores do mapa da fome atestem que ela quase dobrou no país nos últimos 2 anos, atingindo agora mais de 30 milhões de pessoas. Nesse contexto, o grande número de perdas e a depauperação das condições de sobrevivência que levaram sofrimento a todas as instâncias sociais, mas especialmente aos mais pobres, quase sempre negros, e o confinamento finalmente imposto levaram, assim como ocorreu em outras pandemias, a um quadro de disseminação da melancolia, como nos lembram SCLiar (2003) e SCHWARCZ e STARLING (2020), agravado pelo horror da tanatopolítica implementada com a chegada do atual Presidente ao poder. Mas, também como diante das pestes do passado, a “tinta da melancolia” (STAROBINSKI, 2016) segue sendo canalizada para a criação e a pausa no circuito da vida a que todos estavam habituados é aproveitada por muitos para se reafirmar a inesgotável capacidade da arte de lançar mundos no mundo. Ao tempo em que se constituem como documentos de um período em que a tristeza se espalha por todo o globo terrestre - e, dadas as condições acima apontadas, talvez de forma mais intensa, no Brasil, acometido por uma espécie de depressão cívica -, muitas das obras produzidas nesse período também podem ser vistas como uma fresta por onde se pode respirar e, por sua própria existência e capacidade reflexiva, aspirar a novas possibilidades de retorno da alegria e de construção de um mundo mais solidário. A proposta deste painel, organizado pelo Núcleo de Estudos da Crítica e da Cultura Contemporânea da Universidade Federal da Bahia (UFBA), é analisar, a partir de uma metodologia comparatista, algumas dessas obras, no campo da literatura, do cinema, da música e das artes plásticas, considerando-as como participes da “fábrica do presente” (LUDMER, 2010) e nelas percebendo essa força de renovação da vida que pode instaurar alguma beleza onde hoje só se vê escuridão.

Palavras-chave: Cultura brasileira contemporânea; Arte e Pandemia; Melancolia; Criação como resistência; Cultura e política na arte contemporânea.

Coordenadora do painel ABRALIC: Rachel Esteves Lima (U. Federal da Bahia | NECCC | CNPq)

Ana Maria Clark Peres (U.FMG)

Anos de chumbo: e outros contos, de Chico Buarque: resistindo em tempos sombrios

Escrito durante a pandemia e publicado em outubro de 2021, em *Anos de chumbo: e outros contos* Chico Buarque nos traz um retrato implacável do Brasil contemporâneo, apresentando, de um lado, uma elite endinheirada, insensível, racista e violenta, além de milicianos e policiais truculentos que praticam chacinas se comprazendo em “caçar pretos” e, de outro, andarilhos e indigentes, gente pobre e suburbana que sofre os efeitos das ações dos primeiros. Dos oito breves contos que compõem o livro, este trabalho visa abordar três deles, tendo como ponto de partida “O sítio”, que traz uma referência explícita à pandemia, ao abordar os conflitos de um casal que acabara de se conhecer e que decide se confinar num local ermo no interior do Rio para fugir “da peste”, não sem mencionar a “desgraceira” dos hospitais públicos que atendem a população menos favorecida da região. A esse conto se seguirão “Cida” e “O passaporte”. Ao pôr em cena (denunciando) as mazelas do Brasil atual, as narrativas de *Anos de chumbo* consistem, a meu ver, numa forma de resistência e de alento nestes tristes tempos que vivemos.

Palavras-chave: *Anos de chumbo: e outros contos*; Chico Buarque; Mazelas do Brasil contemporâneo; Pandemia; Resistência e criação.

Anna Amélia de Faria (Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública)

Derretimentos na pandemia: uma leitura comparada da pintura de Lara Viana e do romance O último gozo do mundo, de Bernardo Carvalho

O trabalho objetiva articular, numa abordagem comparativa, o romance *O último gozo do mundo*, de Bernardo Carvalho (2021), a um quadro de autoria da pintora Lara Viana (2016). Algumas conexões entre a imagem e o romance: o derretimento aquoso sobre os degraus exposto na tela remete a outras perdas, como a da memória, apontada no livro. Na pintura, uma máquina de tempo pode ser vislumbrada a partir da representação dos eixos vertical e horizontal por onde escorre a água.

A escrita apresenta a pandemia da Covid-19, suas mudanças, e a morte e suas sequelas indicam a importância de simbolizar para elaborar os nefastos acontecimentos. A história traz, no início, uma separação na quarentena e finaliza com um não-encontro, deixando em aberto a possibilidade de outras tessituras narrativas. Noções psicanalíticas de desejo, gozo e do fracassado projeto de felicidade serão abordadas no trabalho, e utilizaremos, também como suporte para a análise, o livro *Shoshana Felman e a coisa literária*, organizado por Lucia Castelo Branco, e alguns aportes teóricos de Didi-Huberman encontradas em sua obra *Diante da imagem*.

Palavras-chave: *O último gozo do mundo*; Bernardo Carvalho; Lara Viana; Arte contemporânea e psicanálise; Literatura e pintura.

Cristiane Brasileiro Mazocoli Silva (UERJ)

Pensamentos desdobrados: formas emergentes na pandemia

O objetivo deste trabalho é captar, reunir e analisar algumas das formas ensaísticas e literárias nascidas em plena pandemia e estruturalmente ligadas a essa experiência. Para isso, serão analisadas quatro obras recentes de escritores e intelectuais que viram sua produção ser impactada pela pandemia inclusive num nível formal, e não só temático, como se o pensamento de seus autores tivesse sido levado a ultrapassar limites anteriores e experimentar novas e imprevisíveis fronteiras entre escrita ensaística, literária e confessional. As obras abordadas serão *O mundo desdobrável*, de Carola Saavedra, *Procurando razões*, de Waldomiro J. Silva Filho, *Meu país é um corpo que dói*, de Claudette Daflon e *Domingou apandemia*, de Leonardo Davino. Além da análise das obras em si, porém, também faremos entrevistas originais com os autores a fim de reconstituirmos algo do contexto dessa produção dos mesmos dentro da trajetória de cada um. Para uma leitura comparativa entre as obras em questão manteremos ainda, como um horizonte teórico, discussões sobre a constituição e os diferenciais do ensaio latino-americano, assim como conceitos centrais para a apreciação da literatura contemporânea, em especial as noções de hibridismo, agoridade e pós-utopia.

Palavras-chave: Ensaio literário; Ensaio latino-americano; Hibridismo; Agoridade; Pós-utopia

Mônica de Menezes Santos (U. Federal da Bahia)

Para adiar o fim do mundo: mulheres, pandemia e literatura

A pandemia da Covid-19, além de ter gerado o aumento da violência contra as mulheres no Brasil, evidenciou sua sobrecarga de trabalho físico e mental, uma vez que são elas, quase que exclusivamente, as responsáveis pelos cuidados com os filhos, com a casa, com a alimentação familiar, etc. Tais ofícios de cuidados, vistos majoritariamente não como trabalho, mas como demonstração de carinho, se intensificaram devido às medidas de distanciamento social e se misturaram (evidenciando aqui os ciclos de vulnerabilidades a partir de leitura atravessada pelos dispositivos de raça e de classe), em alguns casos, às rotinas de home office e, em outros, à perda ou diminuição brusca da renda familiar e à impossibilidade de contar com redes de apoio presencial. Diante de tal cenário, escritoras brasileiras produziram textos nos quais expressam suas vivências, medos e posicionamentos no contexto das crises sanitária e política pela qual estamos passando no país. O trabalho aqui proposto objetiva discutir alguns desses textos, especialmente os publicados nas coletâneas *Fazia calor e usávamos máscaras* (Uratau, 2021) e *Coronárias* (Patuá, 2022), destacando como eles embaralham as o pessoal e o político, constituindo espaços de resistências do feminino e modos de escrever (para) o futuro.

Palavras-chave: Literatura feminina; *Fazia calor e usávamos máscaras*; *Coronárias*; Feminismo e pandemia; Trabalho afetivo.

Rachel Esteves Lima (U. Federal da Bahia | NECCC | CNPq)

***“Faisons tout le monde danser la samba”:* A vacina antropofágica como antídoto ao paradigma imunitário**

O filme *AmarElo*, de Emicida, retoma a metáfora da vacina antropofágica, cunhada pelo modernista Oswald de Andrade, como recurso para se pensar uma saída do isolamento causado pela pandemia da Covid-19 ainda em curso. Recuperando a memória histórica da luta dos negros por justiça social e sua contribuição para a cultura brasileira, o rapper promove, ao final do documentário, uma articulação dessa metáfora às apresentações que o grupo musical *Os 8 Batutas* fez em 1922 no Cine Palais, quando do retorno de uma bem-sucedida temporada de difusão do samba em Paris.

A contratação do grupo visaria, segundo Emicida, trazer de volta ao Rio de Janeiro a alegria perdida com o surto de gripe espanhola, assim como o samba, em suas muitas variantes, poderia ser considerado como um antídoto à melancolia produzida pelo estrago causado pelo coronavírus, visto que se constitui, antes de tudo, como uma arte do encontro. Partindo dessa ideia, o trabalho tem como objetivo discutir a rentabilidade da proposta oswaldiana para se pensar, no campo da arte e da cultura contemporâneas, em nível local e global, uma possível saída do paradigma imunitário, que, segundo Roberto Esposito, impõe o fechamento comunitário em função do medo de contágio pela alteridade.

Palavras-chave: Filme *AmarElo*; Vacina antropofágica; Oswald de Andrade; Roberto Esposito; Paradigma imunitário.

Auditório [sala anexa 007] (10:30-11:45)

Eixo temático: **O confinamento como motor de criatividade**

Moderadora: Odete Jubilado

Gabriel Franklin (U. de Brasília (UnB|Brasil))

As coisas difíceis do mundo: as poéticas do estado de urgência em Ensaio sobre a cegueira

Dentro do eixo temático “O confinamento como motor de criatividade”, apresente proposta de comunicação tem por objetivo estabelecer uma conexão entre o romance *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago, e as poéticas do estado de urgência, sendo estas compreendidas como as relações entre a angústia do tempo presente e as manifestações culturais e artísticas da modernidade. Para tanto, inicia-se fazendo uma breve distinção entre emergência e urgência, dando conta de que toda emergência comporta uma urgência, mas nem toda urgência provém de uma emergência. Depois, apoiando-se os escritos de Byung-Chul Han, comenta-se sobre o perene estado de urgência em que se vive no tempo presente, para cuja denominação propõe-se o termo soci(ansi)idade, bem como sobre os modos pelos quais a atividade artística é por ele impactada, tanto em seu consumo quanto em sua produção. Passando-se à identificação, no romance de José Saramago, dos elementos apontados anteriormente, conclui-se, então, que o confinamento

proveniente das epidemias reais e ficcionais serve de combustível para impulsos estéticos movidos por quem escreve e de base para profundas reflexões existenciais em quem lê.

Palavras-chave: Literatura comparada; Tempo presente; Poéticas do estado de urgência; Byung-Chul Han; José Saramago.

Wallas Gomes Zoteli (U. Federal do Espírito Santo | IFECTES)

A bricolagem em “Cante: centão-soneto (contra o vírus)”, de Wilberth Salgueiro (2021)

A análise visa a apontar implicações estético-semânticas da bricolagem de fragmentos de canções populares brasileiras no poema-pastiche “Cante: centão-soneto (contra o vírus)”, do livro *Sonetos* (2021), de Wilberth Salgueiro. Amparado na perspectiva enunciativo-discursiva bakhtiniana acerca dos gêneros discursivos e de considerações de Zumthor (2014) sobre performance, desenvolve-se uma leitura que se articula com conceitos da estilística do verso, conforme tratados por Mello Nóbrega (1965), Chociay (1974), Glauco Mattoso (2010). A hipótese preliminar indica que o poeta acomoda os versos-fragmentos cancionais à métrica dos decassílabos clássicos do soneto, sobrepondo musicalidades, tanto mais evidentes quanto mais abrangente o repertório de performances na memória do leitor-ouvinte. Além disso, sob o signo ambivalente do “vírus”, concilia-se a expressão de uma batalha lúdica contra a tendência paralisante da quarentena e um posicionamento crítico face a decisões políticas de enfrentamento ao cenário pandêmico.

Palavras-chave: Poesia contemporânea brasileira; Wilberth Salgueiro; signo ideológico; bricolagem; canção popular brasileira.

Hugo Canossa (U. Maia | CIAC)

Pandemicz Visualz Show: tele-exibição para um desconfinamento virtual

A instalação “Pandemicz Visualz Show (On &) Off teve como objetivo produzir um conteúdo que fosse visualizável online, transmitido em direto para e através das redes sociais, mas que internamente participava de uma reunião de grupo de amigos, refletindo sobre a vivência tecnológica durante o confinamento e um reflexo dessa mesma vivência.

Da análise do ciclo de Pereira e Marcos (2020) resultou uma perceção teórica de uma prática materializada anteriormente, com a difusão de um artefacto de cariz presencial por parte do operador, exibido através de plataformas de comunicação, que se tornaram padrão nos tempos de confinamento motivado pela pandemia. Os autores lembram que “os meios da arte contemporânea (em todas as suas vertentes), que já se vinham a relacionar com o digital em crescendo, ficaram dependentes nos seus processos dos media digitais para a atividades tão simples como a exibição e o contacto com o público”. Essa exibição, que se intitulou de “Pandemicz Visualz Show (On &) Off”, coincide com a opinião dos autores sobre uma fruição cada vez mais individual. Se antes pensada essencialmente para uma exibição presencial, impõe-se agora o planeamento em paralelo da versão digital, híbrida ou física.

Palavras-chave: tele-exibição, tele-fruição, tele-conteúdos, operador, público

Auditório [sala anexa 008] (10:30-11:45)

Eixo temático: **Epidemia e testemunho**

Moderadora: Cláudia Pereira

António Martins Gomes (U. Nova de Lisboa | FCSH | CHAM)

Representações da peste na literatura portuguesa oitocentista

Num capítulo da *Crónica de Dom João I*, Fernão Lopes narra a morte, por “pestelênc̃a”, de muitos castelhanos que sitiavam Lisboa em 1384. Até ao século XIX, esta marcante referência a um dos vários surtos epidémicos que haviam ocorrido em território nacional era praticamente a única na literatura portuguesa. Todavia, os primeiros autores românticos, num maior apego ao macabro e à morte, começam a fazer alusão à peste e ao “Cholera morbus”. Entre o romantismo histórico de Alexandre Herculano e o realismo crítico de Eça de Queiroz, encontramos um registo notável de momentos em que algumas personagens, ou inclusive o próprio autor, convivem com a peste. Sob a forma genológica de romance, drama, conto e poesia, e com Lisboa em destaque como espaço urbano com muita população e pouca salubridade, diversificados textos literários oitocentistas testemunham factos históricos, reminiscências de tempos de peste e guerra, fugas para longe da cidade, questões legais a tratar à hora da morte, rituais da morte na intimidade familiar, experiências autobiográficas, o uso e abuso de anestésicos, ou a relação simbólica entre o amor e a morte.

Marília Corrêa Parecis de Oliveira (U. Estadual Paulista | IBILCE)

A linguagem cinematográfica e a representação da violência no romance *Em Câmera Lenta*, de Renato Tapajós

Este trabalho propõe uma análise do romance *Em câmera lenta*, do escritor brasileiro Renato Tapajós, publicado em 1977, demonstrando como a obra se vale de uma escrita cinematográfica para registrar o trauma e a violência desencadeados pelo golpe civil-militar no Brasil, como alegoria de uma epidemia fascista na sociedade brasileira. Antonio Candido, em “A nova narrativa”, refere-se a esse romance de Tapajós como “a análise do terrorismo em técnica ficcional avançada” (CANDIDO, 1989, p. 209). Isso porque a obra trata dos eventos ocorridos entre 1964 e 1973, durante a ditadura civil-militar, e os desdobramentos desses eventos que marcaram o país, em especial, a guerrilha urbana que se desencadeou como forma de combate ao regime. Tapajós aposta, portanto, na estratégia de aproximação com o cinema por meio da fragmentação do texto literário, em que ocorre uma desestruturação espaciotemporal, aos moldes da montagem cinematográfica, como marca de uma fragmentação formal na obra que reflete a fragmentação do sujeito envolvido na situação dramática. Tendo em vista essas considerações, interessa-nos analisar como, nesta obra, a fragmentação da linguagem reverbera as contradições sociais do período, solicitando, portanto, um leitor ativo, capaz de “montar” os fragmentos do romance para que se estabeleça a leitura crítica.

Palavras-chave: Cinema; Intermidialidade; Literatura; Montagem; Violência.

Milena Guimarães Andrade Tanure (U. Federal da Bahia | PPGLITCULT)

Uma cidade em suspensão e uma estética da ocupação

A presente reflexão se propõe a pensar produções artísticas (literárias, fotográficas e cinematográficas) que se fizeram em contexto pandêmico, ou que com ele dialoguem, e que forjaram formas outras de estar na cidade ou materializá-la em suas produções, não no sentido de pensar um ineditismo ou novidades, mas como alguma coisa que já era muito anterior ao vírus da COVID-19. Tais autores e produções talvez se assemelhem ao vírus na medida em que buscam nas ruas as coletividades, contaminam as aglomerações, se infectam e proliferam pelo contato.

Talvez seja cedo para catalogar as experiências de escrita nesse contexto pandêmico, mas trago para a reflexão algumas formas de experimentação de escrita que reverberaram nesse cenário como forma de permanecer, ocupar. Trago a ideia de ocupação já no intuito mesmo de pensar como os artistas que hoje assumem a postura política de permanecer e pulsar vida em um contexto em que a morte está à espreita já agiam assim em momentos outros de semelhante opressão. Nesse sentido, vou pensando aqui a imagem de uma cidade que é insurgente, divergente, complexa, assim como os artistas que performam nela e sobre ela.

Palavras-chave: Estética da ocupação; política; cidade; literatura; arte.

Auditório [sala anexa 007] (11:45-12:40)

Eixo temático: **O confinamento como motor de criatividade**

Moderadora: Leonor Coelho

Ana Clara de Carvalho Brito (U. Brasília | IL)

A leitura não é uma só: a criatividade nas práticas de incentivo à leitura

O isolamento social ocasionado pela pandemia de Covid-19 mostrou a necessidade de rever o que consideramos, especialmente nas pesquisas sobre teoria e crítica literária, como leitura, já que nos obrigou a elaborar novas formas de trabalhar o encontro com o texto – especialmente após a imposição do ensino remoto. Dessa forma, pensar em novas estratégias pedagógicas – especialmente nas que envolvem propostas criativas – é urgente para incentivar a leitura durante e após o confinamento, partindo do pressuposto de que o mais importante, quando falamos sobre o ensino de literatura, é considerar as relações que os sujeitos – leitores – estabelecem com a obra. Por isso, levando em consideração o papel de personagens leitores – como a Emma Bovary, de Madame Bovary, e a Bella, da saga Crepúsculo – para a formação de leitores reais, foi possível discutir o espaço de novas possibilidades de leitura, com o intuito de mostrar que a experiência sensível, embora única e singular para cada indivíduo, pode unir mais do que separar quando alargamos a noção de literatura e leitura para englobar leitores e leitoras que geralmente estão à margem da sociedade.

Palavras-chave: Leitura. Leitores. Criatividade. Confinamento. Literatura.

Matteo Pupillo (U. Évora | CEL)

A criatividade como força tensora em tempos pandémicos: consonâncias e dissonâncias entre o Diário da Peste (Gonçalo M. Tavares) e o Diário da Peste de Londres (Daniel Defoe)

À luz do recente ensaio filosófico *Melancolia em Tempos de Perturbação* (Joke H. Hermsen, 2022), que expende longas reflexões sobre a melancolia como um estado de espírito fértil, “no sentido em que estimula a criatividade e serve para dar esperança” (Hermsen, 2022: 22), proponho-me fazer uma leitura comparada entre o *Diário da Peste* de Gonçalo M. Tavares e o *Diário da Peste de Londres*, da autoria de Daniel Defoe, precursor do romance moderno inglês, esboçando mormente algumas considerações sobre os seguintes pontos: 1) a melancolia como motor de criatividade literária e como estado de espírito inspirador em tempos pandémicos; 2) a dimensão — quer temporal, quer literária — das duas obras, sendo que uma, a de Gonçalo M. Tavares, inclui um registo universal, por razões óbvias, ao passo que a outra circunscreve a sua narrativa a uma cidade só; 3) assinalar, por fim, convergências e divergências, e tentar identificar, também, a presença de um texto no outro, explicitando o “carácter relacional de todo o sentido” (Buescu, 2001).

13 de Outubro de 2022 - Tarde | *Afternoon*

Auditório (15:15-16:30)

Eixo temático: **Representações e releituras das diversas epidemias**

Moderadora: Ana Isabel Moniz

Maria de Lurdes Câncio Martins (U. Lisboa | FLUL | CECComp)

Confluência de crises no mundo ocidental contemporâneo: das sanitárias à da literatura que as lembra e diz

O mundo ocidental contemporâneo tem sido afectado por um encadeamento de inúmeras crises, de grande amplitude e de ordem diversificada, a um ritmo que parece tornar-se cada vez mais célere. Como releva Patrick Zilberman, ao focar esta questão, as crises sanitárias, em particular, conjugam crise epidemiológica, crise do sistema de saúde, crise política (violências, uso de constrangimentos), ou crise do Estado (estruturas do Estado, instituições), crise geopolítica (nomeadamente nas instituições multilaterais) e, por fim, crise da economia global, cada crise constituindo uma ocorrência de largo espectro.

Na confluência de tantas crises, inscreve-se também a da cultura, das artes e a da literatura, que irá mormente granjear a nossa atenção. Crise da literatura que, no contexto europeu, se tem investido, desde o séc. XVIII, numa profunda mudança, implicando a sua ideia, a sua forma, a sua função e a sua missão e culminando actualmente na sua radical transformação, porventura como “literatura do adeus” (William Marx), problematizada por uma crise existencial.

Entre esta crise da literatura e as sanitárias parece Erik Orsenna estabelecer uma conjugação na sua obra recente, *La Géopolitique du moustique – Petit Traité de Mondialisation IV* (2017), sobre a qual propomos reflectir, a fim de a examinar e questionar.

Palavras-chave: Crise; Sanitária; literatura; epidemia.

Fernanda Mota Alves (U. Lisboa | FLUL | CECComp)

Escrever a doença na cidade moderna – Heinrich Heine e o “relato da cólera”

Os projectos da modernidade tornaram-se visíveis nas dimensões filosófica e política da emancipação, no âmbito do desenvolvimento científico, técnico e industrial, nas mudanças económicas e demográficas e também no crescimento das grandes metrópoles.

Em Paris, que Walter Benjamin designou de capital do século XIX, concentravam-se exemplarmente todos estes desenvolvimentos, inclusive o regresso da Revolução, levado a cabo em Julho de 1830, que colocou no trono um “rei burguês”.

Heinrich Heine, que emigrara para Paris para, segundo explica, acompanhar os desenvolvimentos políticos, sociais e culturais na França da monarquia de Julho, publica regularmente as suas crónicas num jornal alemão. É neste contexto, numa sequência de artigos que podem ser entendidos como “crónicas culturais”, que surge o “relato da cólera” (“Cholerabericht”); trata-se de um texto que se propõe apresentar uma reportagem resultante da experiência directa dos acontecimentos associados à expansão devastadora da epidemia. Apesar da sua aparente imediaticidade, este relato caracteriza-se por estratégias de organização das informações e pelo uso de recursos literários que, além da sua função claramente estética (apesar do registo “jornalístico”), resultam na configuração da epidemia como modo de tornar evidentes as fragilidades de um processo revolucionário e as contradições da modernidade tais como se manifestam na vida da grande cidade do século XIX.

Palavras-chave: modernidade; relato da cólera; crónica cultural; revolução; sociedade

Luísa Afonso Soares (U. Lisboa | FLUL | CECComp)

O Crepúsculo da Humanidade em Nosferatu, de Murnau e Werner Herzog

É já longa a carreira do Conde Drácula na literatura e no cinema: terá nascido ou renascido em 1897 num romance de Bram Stoker, na Irlanda vitoriana. Em 1922, Murnau adaptou *Dracula* ao cinema e deu-lhe o nome de *Nosferatu*, modificando-lhe os contornos e o contexto. Em 1979 Herzog quis prestar tributo a Murnau e reescreveu *Nosferatu*, mas o filme da década de 70 é muito mais do que um *remake*. O filme de Herzog é, na perspectiva da ainda produtiva estética da recepção, uma actualização e uma adaptação a um novo horizonte de leitura, de experiências e expectativas.

O *Nosferatu* de Murnau nasceu de um contexto traumático, na Alemanha, que fazia ainda o luto da Grande Guerra e tão dizimada por esta como pela gripe espanhola. O *Fantasma* de Herzog nasceu também num contexto de pós-guerra, aparentemente já distante no tempo, mas sempre presente – e nasceu de uma geração órfã, que tinha perdido tudo na Guerra. Essa guerra não está explícita em Herzog, mas está presente uma peste negra sob a forma de vampiro – tão devastador quanto a guerra – e para a qual nem a religião nem a ciência constituíram lenitivo ou solução. Neste trabalho proponho seguir os trilhos de *Nosferatu*, que parece ter regressado, mas a um cenário não fictício, desencadeando de novo o medo, a devastação e a morte.

Palavras-chave: *Nosferatu*; adaptação; estética da recepção; guerra; peste

Auditório [sala anexa 007] (15:15-16:50)

Eixo temático: **Representações e releituras das diversas epidemias**

Painel: Contágio e Influência: definições e declinações

Os conceitos de “contágio” e “influência” merecem uma reflexão sobre o caminho que vai da dimensão física à abstrata. Como metáforas, elas consubstanciam uma tópica que domina os estudos comparatísticos desde as primeiras fases da sua instituição: o poder da influência na criação, a possibilidade de uma correspondência global, a urgência de um diálogo entre as partes que se consideram centro ou margens. As 5 intervenções, depois da apresentação geral, tentarão exemplificar esta tópica, centrando-a aqui numa reflexão sobre os estudos comparatísticos, exemplificada em estudos sobre a memória, a resiliência, a viagem, a utopia e a ecocrítica.

Coordenadora do painel ILCML: Maria Luísa Malato

Fátima Outeirinho (ILCML | FLUP)

Entre o contágio e a Influência. Algumas considerações teóricas sobre a prática do ILCML

A partir dos conceitos de “contágio” e “influência” será feita uma reflexão sobre a globalidade dos Estudos Comparatísticos e uma apresentação das linhas de investigação do ILCML em 3 áreas: os estudos interculturais, os estudos de género e os estudos inter-artísticos.

Ana Margarida Fonseca (ILCML e Instituto Politécnico da Guarda)

Representações pós-pandémicas: a construção do futuro e a salvação da memória em O Último Gozo do Mundo de Bernardo Carvalho

Partindo de uma leitura do romance *O Último Gozo do Mundo* do escritor brasileiro Bernardo Carvalho, procurar-se-á problematizar as questões da memória e da identidade num quadro apocalíptico pós-pandemia, relacionando este romance com outras narrativas em língua portuguesa que representam estados de exceção e crise. Em comum, a construção de discursos fabulares e alegóricos, onde a dimensão individual e a demanda dos protagonistas se associam a uma dimensão coletiva, tanto em termos nacionais como transnacionais.

José Domingues de Almeida (ILCML | FLUP)

Anticiper le pire. De Profundis d’Emmanuelle Pirotte : pandémie et résilience

Il s’agira de proposer une lecture du roman *De Profundis* (2016) de l’écrivaine belge francophone, Emmanuelle Pirotte, dont le récit anticipe une pandémie d’Ebola dans un futur proche, fortement marqué par le développement technologique, et à partir de la Belgique natale de l’auteure, notamment le cadre régional wallon qui sert de refuge aux personnages principaux. À ce cadre s’ajoute une intrigue fantastique inattendue qui complexifie le récit, et une véritable réflexion sur la résilience. Rappelons, par ailleurs, qu’Emmanuelle Pirotte, fille du romancier et poète Jean-Claude Pirotte, devait commettre en 2019 un autre roman sur la thématique épidémique et chaotique avec *D’innombrables soleils*.

Mots-clés: épidémie; Ebola; catastrophe; résilience; dystopie.

VIII CONGRESSO
DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE
LITERATURA COMPARADA (APLC)

AP LC
Associação Portuguesa de Literatura Comparada

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
E HUMANIDADES

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ESCOLA DE ARTES
E HUMANIDADES

UNIVERSIDADE DE MAZARRÃO
FACULDADE DE ARTES
E HUMANIDADES

OLHARES CRUZADOS:
REPRESENTAÇÕES DAS
EPIDEMIAS NAS ARTES.
DA CATÁSTROFE À
RESILIÊNCIA

Maria Luísa Malato (ILCML | FLUP)

Do contágio viral à influência política: uma utopia portuguesa no contexto bélico da Gripe Espanhola

A História Autêntica do Planeta Marte é uma utopia de José Nunes da Mata publicada em 1921. A Grande Guerra (1914-1918) e a Gripe Espanhola que lhe sucedeu (1918-1920) alimentam duas perspetivas da influência política e literária, duas faces da mesma moeda – uma distópica e outra utópica, aqui reunidas num mesmo género.

Refletindo sobre o contágio físico e o contágio mental, a utopia reflete sobre as vantagens e desvantagens da influência, como força utópica e distópica.

Auditório [sala anexa 008] (15:15-16:30)

Eixo temático: **Representações e releituras das diversas epidemias**

Moderadora: Carla Castro

Luís Carlos Pimenta Gonçalves (U. Aberta | IELT | NOVA e CEG-G5)

Cholera morbus – uma epidemia na literatura

Em 1817, a cólera dissemina-se em surtos pandémicos a partir do Delta do Ganges seguindo as rotas comerciais. Muitos autores nas primeiras décadas do século XIX confundiam ainda as patologias de várias doenças infecciosas – a cólera é então inominada. É preciso esperar por 1832 para que a doença passe a ser designada por *Cholera Morbus*, expressão terrífica que desencadeia o medo pela sua simples nomeação. Não é pois de estranhar que escritores inscrevam a cólera nas suas obras como metáfora, tal Almeida Garrett em *Viagens na Minha Terra* que fala de «cólera-morbus da sociedade atual» ou como termo de comparação em Alexandre Herculano quando escreve n' *O Monge de Cister* «com a rapidez da cólera ou da peste». Outros autores descrevem detalhadamente a epidemia como Victor Hugo em *Os Miseráveis* ou George Eliot em *Middlemarch*. Jean Giono transforma a cólera em motor da diegese em *O Hussardo no Telhado* ou Garcia Marquez em *O Amor nos Tempos de Cólera*.

Propomo-nos nesta comunicação fazer um levantamento comparativo de motivos e *topoi* da doença, sem esquecer que a cólera alude também nalgumas obras ao universo do fantástico, ao mal absoluto e à própria guerra.

Simão Valente (U. Lisboa | FLUL | CEC)

“Dead men don’t eat the living”*: plague and posterity in *The Decameron

This paper is concerned with issues of physical death and literary posterity in Giovanni Boccaccio’s *Decameron*. The much-commented description of the black plague in the book’s introduction sets a countertone to most of the novelle that follow: on the one hand, a grisly portrayal of death and societal breakdown in Florence; on the other, a celebration of earthly pleasures and courtly refinement. The metaliterary aspect that the novelle take is interwoven with authorial concerns (or an affected lack thereof) regarding posthumous literary fame, as expressed in the proem and the book’s conclusion, where emphasis on humour as a way of giving pleasure to the living.

We shall take a closer look at this authorial voice in connection with one novella where bodily death is put in stronger relation with the section on the plague and the issue of literary and physical posterity: tale II, 5. Andreuccio da Perugia hides in a tomb where lay the remains of a recently deceased clergyman, as a group of grave-robbers plots on sacking it. Fearing being killed by the thieves, Andreuccio puts the corpse to comedic life-saving use, thus ensuring the possibility of, among other things, siring children, to the reader’s amusement.

Keywords: Decameron – Italian Literature – Early Modern – Posterity – Deat

Alexandra Cheira (U. Lisboa | FLUL | CEAL | ULICES)

Literary Representations of Epidemics: from Boccaccio’s Decameron to The Decameron Project: 29 New Stories from the Pandemic

Giovanni Boccaccio’s *The Decameron* was probably conceived after the epidemic of 1348. Structured as a frame story containing one hundred framed tales, the frame story centres on a group of seven young women and three young men who seek refuge in a sheltered villa outside Florence so as to evade the Black Death which was besetting the city. The framed tales are the stories they tell each other for the ten days of their seclusion which the title alludes to (*Decameron* combines the Greek words “ten” and “day” to refer to the period in which the characters of the frame story tell their tales). The tales celebrate life, ranging from erotic to tragic love, tales of wit, practical jokes, and life lessons, providing a literary document of life at the time.

VIII CONGRESSO
DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE
LITERATURA COMPARADA (APLC)

AP LC
Associação Portuguesa de Literatura Comparada

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
E HUMANIDADES

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ESCOLA DE ARTES
E HUMANIDADES

FACULDADE DE ARTES
E HUMANIDADES

OLHARES CRUZADOS:
REPRESENTAÇÕES DAS
EPIDEMIAS NAS ARTES.
DA CATASTROFE À
RESILIÊNCIA

In March 2020, the editor of *The Decameron Project: 29 New Stories from the Pandemic* writes in the preface to the book, “bookstores [in the USA] began selling out of a book from the 14th century – Giovanni Boccaccio’s *The Decameron*”, since ‘many readers were looking for guidance from this ancient book’ at a time people “were beginning to self-isolate, learning what it meant to quarantine” (vii). Hence, the editorial board of *The New York Times Magazine* decided to reach out to contemporary writers to write a new *Decameron*, “filled with new fiction written during quarantine” (vii). Published as a magazine issue on July 12, and later as a book, *The Decameron Project* has provided “delight and consolation during a dark and unsteady time” (ix), as the many letters to the editor remarking on “the solace provided by these tales” (ix) can attest.

In this light, I am particularly interested in examining the way “the best fiction can both transport you far from yourself but also, somehow, help you understand exactly where you are” (ix) by comparing the two *Decamérons*’ response to their respective pandemic contexts, focusing on some selected tales in both cases.

Keywords: *The Decameron*; *The Decameron Project: 29 New Stories from the Pandemic*; the Black Death; COVID-19

14 de Outubro de 2022 – Manhã | *Morning*

Auditório (9:30-10:25)

Eixo temático: **Pandemia, filosofia e sociedade de controle**

Painel: *Sadios e degenerados: a norma colonial como questão de saúde – perspectivas literárias e culturais comparadas.*

Em sua extensa análise da mecânica do poder, Michel Foucault desenhava a intrínseca relação entre biologia, mecanismos de controle e processos de normalização. É nesse âmbito que surge e se desdobra, em publicações oriundas dos cursos lecionados no Collège de France bem como em *História da Sexualidade – a vontade de saber* (1976), a reflexão em torno do biopoder. Conceito ligado ao surgimento da noção de população, descreve a atenção, por parte do poder, para questões relacionadas à demografia, à saúde pública e, mais em geral, ao controle sobre a vida.

ILCML | INSTITUTO DE LITERATURA COMPARADA
MARGARIDA LOSA

FCT | Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

UP PORTO
FLUP | FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

CATEDRA
DE ESTUDOS
IBÉRICOS

CATOLICA
LISBOA | ESCOLA DE CIÊNCIAS
E HUMANIDADES

REPÚBLICA DE ESPANHA
EN PORTUGAL

COMISSÃO DE EDUCAÇÃO
E CULTURA
EDUCATIVA
INTER-TERCEIRO

El Comissió Interdepartamental de la Recerca i Innovació Tecnològica

UNIVERSIDADE DE LISBOA
CENTRO DE ESTUDOS
LINGÜÍSTICOS E LINGÜÍSTICA
APLICADA

INSTITUT
FRANÇAIS
Portugal

CEL

CEComp
Centro de Estudos
Comparatistas

VIII CONGRESSO
DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE
LITERATURA COMPARADA (APLC)

AP LC
Associação Portuguesa de Literatura Comparada

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
E HUMANIDADES

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ESCOLA DE ARTES
CONTEMPORÂNEAS

UNIVERSIDADE DE MAZARA
FACULDADE DE ARTES
E HUMANIDADES

OLHARES CRUZADOS:
REPRESENTAÇÕES DAS
EPIDEMIAS NAS ARTES.
DA CATASTROFE À
RESILIÊNCIA

No entanto, apesar dessa atenção para a preservação da vida, Michel Foucault interroga-se sobre a morte, sobre a possibilidade do homicídio perpetrado pelo Estado dentro do regime do biopoder. Para o filósofo a resposta estaria na raça e no racismo que visa à eliminação do perigo biológico e “ao fortalecimento, diretamente ligado a essa eliminação, da própria espécie ou raça” (Foucault, 2005, p. 304).

Perigo biológico e fortalecimento da raça, que na Europa encontraram o seu auge no nazismo, remetem também para o desenvolvimento das teorias pseudocientíficas subjacentes à exploração colonial do espaço e do corpo do outro. É a partir dessas teorias que reside também o surgimento da eugenia como prática para o “melhoramento” da raça humana. Tais teorias deixaram rastros, explícitos ou implícitos, no universo literário e cultural. Dentre muitos exemplos, destacamos o médico-escritor português Fialho de Almeida, que em O país das uvas (1893), considerou os alentejanos uma raça “mal cruzada, degenerada, raquítica”, mas também no brasileiro Sílvio Romero que, em História da literatura brasileira (1888), escreveu que “o Brasil não deve contar seriamente com os índios e negros como elementos de uma civilização futura, ainda que estenda até eles os benefícios do ensino primário”. Tal perspectiva encontra-se também na Literatura Colonial portuguesa, onde o espaço africano é frequentemente visto a partir da dicotomia saúde/doença. Essas perspectivas se desdobraram para além do conceito de “raça” e atingiram, como se sabe, parcelas incómodas das populações, quando consideramos a resposta tardia dos governos à pandemia de SIDA, nos anos 1980, e, mais recentemente, na pandemia de COVID-19, com a demonização do povo chinês aliada à hesitação de muitos governos em tomarem medidas urgentes e profiláticas. Tais eventos, levam-nos a perceber que, a despeito do esforço pela constituição de uma civilização global multicultural, o horror ao Outro e a necessidade da sua eliminação permanecem.

A partir dessas considerações e de acordo com a relevância que a dicotomia saúde/doença teve para a construção dos paradigmas contemporâneos ainda muito devedores do colonialismo, o presente painel convoca reflexões, de caráter comparativo, sobre produções literárias e culturais, em perspectiva diacrónica, mobilizadas pelas hierarquias raciais e sociais subjacentes ao colonialismo. Igualmente, pretende investigar estratégias contemporâneas que, nos domínios da literatura, da arte e da cultura, propõem investigar a



ILCML | INSTITUTO DE LITERATURA COMPARADA
MARGARIDA LOSA

FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

U PORTO
FLUP FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

CÁTEDRA
DE ESTUDOS
IBÉRICOS

CATOLICA
DE PORTUGAL
UNIVERSIDADE CATÓLICA
DE PORTUGAL



INSTITUT
FRANÇAIS
Portugal

CEL

CEComp
CENTRO DE ESTUDOS
COMPARADOS

VIII CONGRESSO
DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE
LITERATURA COMPARADA (APLC)

AP LC
Associação Portuguesa de Literatura Comparada

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
E HUMANIDADES

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ESCOLA DE ARTES
CONTEMPORÂNEAS

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE ARTES
E HUMANIDADES

OLHARES CRUZADOS: REPRESENTAÇÕES DAS EPIDEMIAS NAS ARTES. DA CATASTROFE À RESILIÊNCIA

ação biopolítica do poder, bem como subverter paradigmas e hierarquias ligadas à modernidade ocidental.

Palavras-chave: Espaço e estranhamento; Biopoder; Racialismo científico; Literatura e política.

Coordenadores do Painel CECComp: Inocência Mata e Luca Fazzini (UL | CECComp)

Luca Fazzini (UL | CECComp)

A “ciência” colonial no regime do biopoder: ecos nas literaturas e nas culturas em português

A análise da mecânica do poder desenvolvida por Michel Foucault ao longo da sua obra filosófica desenha a intrínseca relação entre biologia, mecanismos de controle e processos de normalização. Nesse âmbito surge e desdobra-se, em publicações oriundas dos cursos lecionados no Collège de France, a reflexão em torno do biopoder. Segundo o filósofo, dentro do regime do biopoder, a morte do Outro teria o objetivo de fortalecer um determinado grupo, deixando o vida “mais sadia e mais pura”. A partir da análise de Michel Foucault seria possível analisar também as classificações dos indivíduos moldadas durante a modernidade colonial, bem como os seus desdobramentos – do racialismo científico até a eugenia. Com a presente comunicação, através de uma abordagem comparativa, pretende-se, portanto, interrogar os rastros e as persistências das hierarquias racistas no universo literário e cultural brasileiro e português. Ao mesmo tempo, o presente trabalho visa pensar limites e o alcance da literatura enquanto um dispositivo para a construção de um comum compartilhável.

Palavras-chave: Biopoder; Racialismo científico; eugenia; colonialismo; literatura e política.

VIII CONGRESSO
DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE
LITERATURA COMPARADA (APLC)

AP LC
Associação Portuguesa de Literatura Comparada

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
E HUMANIDADES

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ESCOLA DE ARTES
E HUMANIDADES

FACULDADE DE ARTES
E HUMANIDADES

OLHARES CRUZADOS:
REPRESENTAÇÕES DAS
EPIDEMIAS NAS ARTES.
DA CATASTROFE À
RESILIÊNCIA

Mário César Lugarinho (USP)

O(s) tempo(s) e o poder: representações em tempos de epidemia

As epidemias de SIDA e COVID geraram reações opostas na sua relação com o tempo. Se por um lado, as medidas profiláticas de saúde pública determinavam a suspensão temporal, que durante a pandemia COVID foram configuradas pelo lockdown, por outro, a reação humana negava a suspensão e insistia na sua dinâmica específica, como na pandemia de SIDA, durante os anos 1980. Temos a clareza que as circunstâncias são absolutamente distintas, na medida em que a SIDA, naqueles anos, atingia grupos específicos, considerados na altura como “de risco”, e a COVID não apresentar uma “escolha” predeterminada de grupos ou indivíduos. Se a primeira foi acompanhada por um juízo moral, a segunda proporcionou um juízo ético, ultrapassando os limites dos comportamentos individuais e obrigando-nos a um sentido de coletividade e, conseqüentemente, de solidariedade.

Nossa reflexão, guiada pelo pensamento de Michel Foucault, irá se debruçar sobre a obra teatral estadunidense de Toni Kushner, *Angels in America* (1990), e a obra poética do angolano João Melo, *Diário do Medo* (2022), ambas produzidas no calor dos trágicos acontecimentos que envolveram as duas epidemias.

Palavras-chave: COVID, SIDA, tempo, poesia, teatro.

Auditório (10:40-11:55)

Melquisedeque Melo (UL| CECComp)

Literatura colonial e a construção imagética do colonizado

A literatura, assim como outros meios da área do saber, foi um dos veículos de divulgação do propósito colonial. Como recurso de propagação dos ideais colonialistas, os textos literários auxiliaram nas imagens que foram construídas acerca dos sujeitos colonizados, alimentando conceitos discriminatórios e deturpados de um público que consumia produções com um discurso estético-ideológico em que o colonizador era descrito com superioridade racial e intelectual, enquanto o colonizado ocupava o espaço do exótico e primitivo. Assim, a presente comunicação procura desvelar como a literatura colonial contribuiu para a construção de uma imagem tecida pelo preconceito e com estereótipos pejorativos acerca dos colonizados,

ILCML | INSTITUTO DE LITERATURA COMPARADA
MARGARIDA LOSA

FCT
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

UP PORTO
FLUP FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

CÁTEDRA
DE ESTUDOS
IBÉRICOS

CATOLICA
LUSITANA
UNIVERSIDADE CATÓLICA
DE LISBOA

EMBAIXADA
DE ESPANHA
EM PORTUGAL
COMISSÃO DE COOPERAÇÃO
CULTURAL

Est. Cient. Angélica

UNIVERSIDADE
DE LISBOA

INSTITUT
FRANÇAIS
Portugal

CEL

CEComp
Centro de Estudos
Comparados

VIII CONGRESSO
DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE
LITERATURA COMPARADA (APLC)

AP LC
Associação Portuguesa de Literatura Comparada



UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO E INOVAÇÃO



UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ESCOLA DE ARTES
CENTRO DE ESTUDOS IBÉRICOS



FACULDADE DE ARTES
E HUMANIDADES

OLHARES CRUZADOS: REPRESENTAÇÕES DAS EPIDEMIAS NAS ARTES. DA CATASTROFE À RESILIÊNCIA

assim como confirmou a imagem do colonizador protagonista da história e da ficção. Para desenvolver a nossa reflexão, convidamos alguns estudos de Inocência Mata (1998, 2010, 2018), Francisco Noa (2002) e Pires Laranjeira (1998), dentre outros estudiosos, buscando entender como a literatura serviu como uma das configurações da visão colonial e de seus aparatos ideológicos. **Palavras-chave:** Literatura Colonial; Literatura; Visão Colonial; Colonizado; Colonizador

Rosangela Sarteschi (FFLCH | USP)

Violência de gênero e raça em seus desdobramentos coloniais

A partir da leitura de quatro contos de língua portuguesa, o presente trabalho tem por objetivo delinear um percurso pelas manifestações de violência em contextos, que, ainda que muito diferentes, guardam alguma semelhança entre si, pois são espaços atingidos pelo processo colonial. São eles: “O feto”, de João Melo, autor angolano, “O caso da menina”, do brasileiro Marcelino Freire, contos em que a violência é construída no espaço urbano como resultado da barbárie dos processos históricos em que as personagens estão inseridas. Por outro lado, “Foram as dores que o mataram”, da escritora cabo-verdiana Dina Salústio e “Marido”, de Lídia Jorge, autora portuguesa, são contos – agora sob a ótica da autoria feminina – em que a violência surge, sobretudo, no campo das relações afetivas, mas cuja historicidade é dado fundamental na construção dos sentidos.

Palavras-chave: literatura e violência; violência e ecos coloniais; literatura e sociedade.

Sílvio Renato Jorge (UFF | CNPq)

Colonialismo e necropolítica: práticas do biopoder

Com a pretensão de, atendendo à proposta inicial do painel “Sadios e degenerados: a norma colonial como questão de saúde – perspectivas literárias e culturais comparadas”, promover a análise comparatista de produções literárias e/ou culturais que foram ou são mobilizadas pela problematização de hierarquias raciais e sociais relacionadas ao colonialismo, propõe-se a análise da forma como as estratégias necropolíticas próprias do projeto colonial português, em suas distintas fases e regiões, estão presentes nas literaturas produzidas em língua portuguesa.



ILCML | INSTITUTO DE LITERATURA COMPARADA
MARGARIDA LOISA

FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

U PORTO
FLUP FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

CATEDRA
DE ESTUDOS
IBÉRICOS

CATOLICA
CENTRO ACADÉMICO DE ESTUDOS
DE LINGUAGENS E CULTURAS



FUNDAÇÃO DE SINES
INSTITUTO DE LINGUAGENS E CULTURAS



INSTITUT
FRANÇAIS
Portugal



CEComp
Centro de Estudos
de Literatura
Comparada

VIII CONGRESSO
DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE
LITERATURA COMPARADA (APLC)

AP LC
Associação Portuguesa de Literatura Comparada

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
E HUMANIDADES

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ESCOLA DE ARTES
CONTEMPORÂNEAS

FACULDADE DE ARTES
E HUMANIDADES

OLHARES CRUZADOS: REPRESENTAÇÕES DAS EPIDEMIAS NAS ARTES. DA CATASTROFE À RESILIÊNCIA

Das crônicas de João Albasini à poesia de Francisco José Tenreiro, sem desconsiderar os textos contemporaneamente produzidos em Portugal, no âmbito do que poderia ser lido como uma literatura afro-portuguesa, intenciona-se refletir acerca das práticas de biopoder estabelecidas como formas de controle e imunização.

Auditório [sala anexa 007] (9:30-10:25)

Eixo temático: **Epidemia e Arte Digital**

Painel: CyPeT – Teoria, prática e ensino de ciberperformance

As artes performativas têm sentido a necessidade de recorrer às tecnologias digitais, carregando gravações de peças de teatro, arquivos de arte, ensaios ao vivo em casa, ou mais especificamente criando performances para a Internet, alterando as práticas estabelecidas e criando novas oportunidades de inovação em toda a economia criativa. Com o aumento das redes de alta velocidade e a massificação da presença online, os sistemas interativos incorporaram novas características que vão muito além da conversação e da partilha de imagens, permitindo outras formas de interação cibernética e teleimersividade e transformando potencialmente o mundo inteiro num ciberespaço e num ciberpalco.

Estes avanços tecnológicos incluem software para a criação de plataformas de co-performance online e palcos virtuais, e é entre conceitos como ciberdrama, performance telemática, teatro cibernético, para citar apenas alguns, que surgiu a ciberperformance (Jamieson, 2008). A ascensão da ciberperformance foi reforçada pela pandemia COVID-19, que não só impediu a fruição dos espaços públicos, como também contribuiu para um aumento exponencial das experiências ao vivo transmitidas por uma multidão de criadores em todas as principais redes de comunicação social. Este novo estatuto exige um esforço renovado de investigação sobre os desafios colocados pela tecnologia digital nas Artes do Espetáculo. Neste painel, serão apresentados os primeiros resultados do projeto Cypet que visa a exploração teórica e prática da ciberperformance, a partir dos ângulos criativo, performativo e comunicacional, com o objetivo de desenvolver um novo modelo pedagógico para a sua inclusão nos currículos do ensino superior.

VIII CONGRESSO
DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE
LITERATURA COMPARADA (APLC)

AP LC
Associação Portuguesa de Literatura Comparada

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
E HUMANIDADES

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ESCOLA DE ARTES
CONTEMPORÂNEAS

UNIVERSIDADE DE MATRIZ
FACULDADE DE ARTES
E HUMANIDADES

OLHARES CRUZADOS:
REPRESENTAÇÕES DAS
EPIDEMIAS NAS ARTES.
DA CATASTROFE À
RESILIÊNCIA

Coordenadora do Painel CIAC | U. Maia: Célia Vieira

Inês Guerra Santos (U. Maia) e Rosimária Sapucaia (U. Algarve | CIAC)

O Ensino online das artes performativas no Ensino Superior em contexto de confinamento: resultados parciais da investigação- Projeto CyPet

A expansão da ciberperformance, o acesso e a efetiva utilização das tecnologias digitais no contexto das artes performativas viram-se reforçados no cenário pandémico dos últimos 2 anos. Por um lado, a sucessão de confinamentos impediu, em vários momentos, a fruição dos espaços públicos, por outro, conduziu a um aumento exponencial das experiências artísticas e educativas online e/ou em contextos híbridos, em variadas plataformas e redes de comunicação social. Nessa conjuntura, surgiram novos desafios que exigiram e continuam a exigir, um esforço renovado de investigação e inovação principalmente no que diz respeito ao ensino superior e à tecnologia digital nas Artes. Para o setor artístico e para as instituições de ensino, nomeadamente a nível do ensino superior, a criatividade tornou-se a palavra-chave para a adaptação a uma nova realidade que levou docentes e artistas a experimentar modelos de performance online capazes de permitir reinventar metodologias e formas de interação. O presente estudo pretende apresentar os primeiros resultados dos inquéritos realizados junto de instituições de ensino superior e de artistas no âmbito do projeto de investigação CyPet, financiado pela FCT e que visa mapear o panorama das Artes Performativas no ensino online/híbrido para então propor um novo modelo pedagógico neste domínio.

Palavras-Chave: Ciberperformance; Tecnologias digitais; Ensino superior; Artes performativas; Modelo pedagógico.

Pedro Alves da Veiga (U. Aberta | CIAC)

Ciberperformance: da transposição à inovação

Este artigo visa explorar e identificar formas de ciberperformance nativas do meio digital e/ou telemático, com especial ênfase nas surgidas durante o período pandémico. As tecnologias digitais contribuem para a alteração ou disrupção de práticas estabelecidas, criando oportunidades de inovação em toda a economia criativa. Este fenómeno foi potenciado pela pandemia do COVID-19, que ao dificultar a fruição dos espaços públicos, contribuiu para um aumento significativo de experiências ao vivo nas principais redes sociais.

VIII CONGRESSO
DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE
LITERATURA COMPARADA (APLC)

AP LC
Associação Portuguesa de Literatura Comparada



UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS E LINGUAGEM



UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ESCOLA DE ARTES
CENTRO DE ESTUDOS DE LINGUA

OLHARES CRUZADOS:
REPRESENTAÇÕES DAS
EPIDEMIAS NAS ARTES.
DA CATASTROFE À
RESILIÊNCIA



FACULDADE DE ARTES
E HUMANIDADES

Para tal, a resposta imediata de artistas e instituições das artes foi a transposição literal dos seus eventos e criações para sistemas de videoconferência ou videodifusão, como Zoom, Microsoft Teams ou Google Meet. No entanto, os nativos digitais encontraram caminhos e motivações para ir além da simples transposição da exibição ou performance tradicional para as redes sociais e media digitais, dando origem ao que se pode designar por ciberperformance nativa, constituindo novos formatos artísticos e produtos culturais, em que as performances são concebidas de raiz para utilizar meios telemáticos. Importa, pois, explorar a natureza da literacia digital artística, criativa e performativa. E importa entender como a experiência estética, participativa e de interação social das audiências é moldada pela fruição artística destas ciberperformances nativas.

Palavras-chave: ciberperformance; nativos digitais; covid-19; criação digital; média-arte performativa.

Auditório [sala anexa 007] (10:40-11:35)

Ana Carvalho (U. Maia) e Juliana Wexel (U. Algarve | CIAC)

Ciberperformance: estudos de caso em contexto pós-pandemia

Toda a experiência cultural sustentada na apresentação ao vivo, durante o confinamento pelo COVID-19, foi uma experiência digital. De forma a destacar a dimensão histórica da ciberperformance enquanto prática periférica das artes digitais, Annie Abrahams, Helen Varley Jamieson e Suzon Fuks compilam um conjunto de depoimentos de artistas no vídeo *Before the First* (2020). A presente proposta visa apresentar aspectos comparativos entre o fenómeno da ciberperformance tendo como referência a contingência da pandemia. Para esta apresentação, foca-se em dois estudos de caso de carácter ciberperformativo, analisando-os sob os seus aspectos estéticos, tecnológicos e interativos. O primeiro trata da obra *Distant Feelings* (2015), uma série de performances online em que originalmente Daniel Pinheiro no Porto, Annie Abrahams em Montpellier e Lisa Parra em Nova York compartilham a presença em uma interface que é usada comumente para videoconferência. Os artistas realizam a ação numa tentativa de experimentar o "sentimento distante" e a presença virtual do outro, sem comunicação verbal e visual. A partir do confinamento da pandemia, a experiência da performance foi expandida a múltiplos novos participantes. A segunda obra em análise no estudo de caso trata do segundo (*The forest*) e sexto (*Birds*) episódios da série de seis



ILCML | INSTITUTO DE LITERATURA COMPARADA
MARGARIDA LOSA

FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

U PORTO
FLUP FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

CATEDRA
DE ESTUDOS
IBÉRICOS

CATOLICA
CATEDRA DE ESTUDOS
DE LINGUAGEM E CULTURA



COMISSÃO DE REGULAÇÃO
DO SERVIÇO DE
RÁDIO E TELEVISÃO



INSTITUT
FRANÇAIS
Portugal



CEComp
Centro de Estudos
Comparados

VIII CONGRESSO
DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE
LITERATURA COMPARADA (APLC)



OLHARES CRUZADOS: REPRESENTAÇÕES DAS EPIDEMIAS NAS ARTES. DA CATÁSTROFE À RESILIÊNCIA

aulas online da artista Laurie Anderson para a Universidade de Harvard, intitulada *Spending the War Without You: Virtual Backgrounds*, Norton Lectures, transmitidas via Zoom e disponíveis no Youtube. A comunicação insere-se na discussão sobre a popularização, modificações e amplificações do conceito de ciberperformance e suas possíveis contribuições às artes performáticas na cultura digital.

Palavras-chave: ciberperformance, cultura digital, média-arte digital, performance online, pós-pandemia.

Ana Clara Santos (U. Algarve) e Célia Vieira (U. Maia)

Processos e práticas no palco digital

Durante o contexto pandémico, as companhias de teatro aceleraram um processo de aproximação à comunicação mediada por computador, mas, na verdade, já há várias décadas que este medium desafiava os criadores para o desenvolvimento de performances teatrais adaptadas às propriedades específicas deste ambiente. Depois de uma revisão dos conceitos de ciberteatro e de teatro digital, pretendemos, nesta comunicação, refletir sobre o modo como o palco digital impõe um reequacionamento das noções de ator, espaço, tempo, espectador e de texto dramático, bem como das práticas de encenação e de representação. A metodologia de investigação usada baseia-se na descrição de estudos de caso e na sistematização dos resultados de entrevistas realizadas no âmbito do projeto de investigação Cypet.

Desta forma, será possível identificar estratégias e recursos que permitem interrogar as noções de ilusão e de presença e repensar certos processos de criação e certas práticas teatrais indissociáveis das novas tecnologias.

Palavras-chave: ciberteatro, teatro digital, tecnologia, covid19, performance online

